

**LEITURA DINÂMICA**

Cada vez mais, tenho mergulhado na literatura. Só a ficção mais excêntrica pode dar conta dos acontecimentos recentes no Brasil. A vaga aberta pelo golpista tucano Aloysio para a senatoria do francano e ex-deputado Airtton Sandoval, sem votos nem para se eleger vereador em Franca que, num golpe de realismo mágico passou a representar quarenta milhões de paulistas é tão inverossímil que passei a acreditar em mula-sem-cabeça, assim como a vaga para deputado do francano-tucano Adérmis, alçado à Câmara com apenas 25.389 mil votos (felizmente já rebaixado de volta ao baixo clero da câmara de vereadores local, de onde nunca deveria ter saído), com poder para decidir, dentre outras coisas, sobre o futuro das aposentadorias e das relações de trabalho no país.

Voltando à literatura. Ricardo Lísias é um dos autores brasileiros que li recentemente, cujas postagens acompanho no foicebuk, às vezes pretensiosas, noutras cáusticas, autorreferentes ou mesmo hilariantes. Sua literatura tem gerado polêmicas até judiciais, o que seria um bom sinal no limbo dessa “república de bananas”, mas agora pegou carona no estado de exceção em que vivemos após o golpe para divulgar seus livros, como se fosse a grande vítima do clima de ódio plantado pelos golpistas. Relevo como coisa de “prima Donna”. Seu livro “Concentração e outros contos” é bom e intrigante, apresenta situações inusitadas e mirabolantes, às vezes repetitivas, mas é daqueles livros que queremos chegar ao final sem largar, pretendo ler outros. Tracei também um título de autor chileno que gosto muito, o Antônio Skármeta, um romance da época do Pinochet com final feliz (acho que estava precisando de algo assim), a história do plebiscito que derrotou o ditador. Também li de cabo a rabo os quatro livros “Estações de Havana” na bela edição da Ivana Jinkings (editora Boitempo) com as aventuras do investigador Mário Conde, a desvendar crimes em ritmo de romance “noir”. Só após lê-los todos assisti a série na Netflix. Os livros são excelentes, fazem jus ao grande escritor que é o cubano Leonardo Padura. A série televisiva também não faz feio e rever Havana foi muito bom, apesar de tudo.

“O punhal”, do argentino Jorge Fernández Diaz, foi outra descoberta. É um thriller espetacular, best-seller entre os portenhos. Romance que trata das relações entre polícia e política, das máfias que ocupam espaços em busca de poder e dinheiro, na Argentina, no Brasil e em qualquer parte do planeta. Recomendo vivamente a leitura. Outro que esbanja recursos e domínio da narrativa é o catarinense Cristovão Tezza, estou terminando de ler “Breve Espaço”, contemplado com o prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional como melhor romance de 1998, que me fisgou de vez, fui degustando aos poucos a história cheia de mistérios de um pintor que vive à custa da mãe, mas não vou contar mais pra não estragar a leitura de ninguém. Tezza nasceu em 1952, casou em 1977, foi professor universitário, tudo “igualim eu”. Porém, além da abismal diferença de talentos (com vantagem para ele, asseguro), largou a universidade para viver de literatura, coisa que felizmente nunca fiz e a literatura agradece.

Por isso, fica um lembrete ao bom escritor que é o Lísias, ele não é o único a ser patrulhado ou retirado das listas de convidados. Nunca fui convidado sequer para a Feira do Livro de Ribeirão Preto, pra FLIP então, nem pensar. “Tamo junto” nessa, continuamos escrevendo e lendo.

Mauro Ferreira é arquiteto